

CEEE/Som do Sul

Henrique Mann



fascículo nº 26

Tangos & Tragédias
Tambo do Bando





Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

Coordenação Editorial: Mônica Kanitz

Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas

Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes

Transcrição de Partituras: Michel Dorfman

Revisão: Dione Detanico Buseti

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico

Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto

Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga

Fotografias das Capas: Nilton Santolin

Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais

e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga

Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago



Coordenação Gráfica: Rossír Berní - Editora Alcance Ltda.

R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

www.editoraalcance.com.br / e-mail: alcance@editoraalcance.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filho), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Sílvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Aírton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



Eneida Serrano

A "Banda da Sbórnia": Fernando Pezão, Nico, Cláudio Levitan, Hique e Fábio Mentz.

Acada verão, passadas as festas pelo início de um novo ano, Hique Gomes e Nico Nicolaiewsky voltam ao palco do Theatro São Pedro para mais uma temporada de "Tangos & Tragédias". E o público comparece, lotando a platéia, os mezaninos, camarotes e galerias, dando gargalhadas que parecem aumentar a cada nova apresentação. Há pessoas que já perderam a conta de quantas vezes assistiram ao espetáculo e ficam incrédulas quando alguém admite que ainda não viu ou que só assistiu a uma única vez. É assim há mais de uma década, e nem Nico, nem Hique, e muito menos o público, sabem quando isso vai parar. A fórmula adotada pelos dois músicos combina muito humor, boas músicas e os espevitados personagens Kraunus Sang e maestro Pletsykaya, oriundos de uma terra fictícia chamada Sbórnia que, a cada nova temporada, ganha novas características.

"Tangos & Tragédias" é um dos capítulos mais interessantes da música popular do Rio Grande do Sul. Não só pela permanência nos palcos, mas também porque a seleção de músicas apresentadas mistura várias épocas e gêneros, fazendo uma síntese das influências dos dois artistas e das muitas facetas que assume a produção musical gaúcha nestas últimas décadas. Estão lá os tangos, as milongas, o rock, o samba-canção, as baladas, tudo com um sotaque regional acentuado e uma linguagem que combina crítica com humor na medida certa. Além disso, "Tangos e Tragédias" foi um dos espetáculos que conseguiu cruzar a fronteira do estado e se tornou unanimidade nacional, com boa repercussão de público e crítica em todas as cidades nas quais foi apresentado.

Paralelo aos personagens Kraunus e Pletsykaya, Hique Gomes e Nico Nicolaiewsky mantêm suas carreiras individuais. Hique tem colocado sua inventividade como "homem-banda" em shows solo e ao lado de orquestras e outras formações musicais. Nico já testou sua poesia em trilhas de filmes e peças teatrais e, esporadicamente, sobe aos palcos com espetáculos diferenciados, nos quais valoriza os sons regionais e o lado cômico-teatral que marcou época nos tempos do "Saracura".

Esta página é uma colaboração de **Mônica Kanitz** - Jornalista



Cronologia Biográfica: Nico Nicolaiewsky



Eneida Serrano

1957 - Nasce em Porto Alegre, filho de Janete Treiguer e Moisés Steibruch Nicolaiewsky. Estuda piano e música clássica, dos sete aos dezoito anos de idade, com as professoras particulares Anália Malinski e Dirce Knijnik.

1971 - Conhece o músico Cláudio Levitan, passando a frequentar a sua família, com a qual descobriu parte da música de outros países, principalmente do leste europeu.

1973 - Com dezoito anos, interessa-se por música popular e entra na escola de Belas Artes da UFRGS. Participa pela primeira vez de um festival de música, no Círculo Social Israelita, onde divide o primeiro lugar com mais duas composições. Ali conhece Pery Souza.

1975 - Cursa dança contemporânea com a professora Eva Schull. Participa da montagem do espetáculo "Um Berro Gaúcho". Com problemas na coluna, tem que abandonar a dança, dedicando-se, então, integralmente à música.

1977 - Apresenta-se em bares e universidades com o compositor Sílvio Marques e o flautista Paulinho Xavier. Passa a estudar e executar acordeom nos shows. Levava consigo o instrumento de 120 baixos que era de seu pai.

1978 - Com Nico ao piano, Flávio Chaminé no baixo, Sílvio Marques no violão e Gatinha na bateria, surge o "Musical Saracura", grupo que marcou época na música gaúcha. Estréiam com shows no Círculo Social Israelita e suas músicas rodam, em fita cassete, no programa de Júlio Fürst, na Rádio Continental.

1979 - Montam novo show, desta vez com direção de Kleiton Ramil.

1980 - Com o compositor Mário Barbará, montam um espetáculo muito bem sucedido, sob a direção de Celso Loureiro Chaves. "Barbará & Saracura" uniram duas forças ascendentes da moderna música do RS. As apresentações superlotavam. A baterista Gatinha dá lugar a Fernando Pezão. O Saracura acompanha Mário Barbará no Festival MPB Shell (TV Globo), no Rio de Janeiro, defendendo a música *Velhas Brancas*. O "Saracura" é cada vez mais requisitado para shows (ver fascículo Mário Barbará).

1981 - Estréia o espetáculo "O Ovo", no Teatro Renascença, com roteiro e textos de Cláudio Levitan e direção cênica de Paulo Albuquerque. Realiza vários shows para arrecadar fundos de gravação de um disco.

1982 - Lançado com grande repercussão o primeiro e único LP do "Saracura", em show no Teatro da Reitoria da UFRGS. Músicas do disco como *Xote da Amizade* (de Barbará), *Marcou Bobeira* e *Nada Mais* (de Cláudio Levitan) passaram a ser executadas nas FMs de Porto Alegre. O LP foi realizado de maneira independente. Posteriormente, contratado pela gravadora Continental, apresenta-se em vários programas de TV em São Paulo, mas a divulgação não surtiu o efeito esperado e uma semana depois, o grupo retorna a Porto Alegre.

1983 - Apesar de não repercutir nacionalmente, o som do "Saracura" era muito bem aceito. Durante todo o ano, realiza muitos shows no estado e começam os preparativos para o segundo disco.

1984 - Aqui inicia o "Tangos e Tragédias" na vida de Nico (cronologia do espetáculo na p. 8 deste fascículo).

Estréia o show "Mais Além", no Salão de Atos da Reitoria da UFRGS. A estréia foi também a despedida da banda. "*Não havia mais sintonia*", conta Nico. (Desde o ano 2000, o grupo tem se reunido para avaliar o material que ficou gravado. "*Estamos pensando em fazer alguma coisa com isto*", revela).

Ainda em 84, Nico conhece Hique Gomes. Começam a se encontrar e estudar juntos: "*Não tínhamos certeza do que queríamos fazer; então nos reuníamos*



e estudávamos piano (eu) e violino (ele). Estudamos tangos, canções brasileiras antigas; começamos a amadurecer a idéia de fazer alguma coisa juntos. Brincávamos e nos divertíamos muito com as idéias que iam surgindo", diz. Resultado do encontro: em setembro estréia, no espaço IAB o show "Tangos & Tragédias".

1985 - Nico estréia seu primeiro show solo, "O Poeta Analfabeto", no Teatro Renascença. Havia decidido ser compositor a partir da música *Feito um Picolé no Sol*.

1986 - Compõe a trilha da peça "Cabeça, Quebra Cabeça". Ali conhece a atriz Márcia do Canto, com quem mais tarde se casaria.

1988 - Muda-se para o Rio de Janeiro.

1989 - Monta o show "Só Cai Quem Voa", com o baterista Fernando Pezão e cria trilhas para dois espetáculos da Cia Teatro Mímico (RJ). Cria várias trilhas para peças do diretor Aderbal Freire Jr.

1996 - Lança seu primeiro e único disco solo, *Nico Nicolaiewsky* (independente).

1997 - Realiza shows de lançamento do CD e atua no curta metragem "O Pulso", de José Pedro Goulart.

2000 - Compõe a trilha sonora para o espetáculo "Circo Girassol" (de Dilmar Messias) e as trilhas de dois curtas: "O Branco" (de Liliana Sulzbach e Ângela Pires) e o documentário "A Invenção da Infância" (direção de Liliana Sulzbach).

2001 - Prepara o lançamento de uma ópera cômica, em fase final de elaboração e produção (onde criou o texto e as músicas).

Depoimentos

" No 'Saracura', tínhamos uma mentalidade de fazer uma música própria e muito diferenciada, sem ter necessariamente que sair daqui do Rio Grande do Sul, que nosso valor fosse reconhecido aqui mesmo e daqui pelo Brasil, um sentido muito grande de independência. Se as coisas dessem certas do nosso jeito, tudo bem; caso contrário, não serviriam. Tínhamos uma preocupação de fazer música pop com característica regional, mas sem racionalizar muito isso. Ficávamos mais à vontade em relação à sonoridade."

" Uma das minhas maiores influências foi o Cláudio

Levitan. Ele foi o primeiro compositor vivo que eu conheci, que compunha de uma maneira muito original, misturando crítica e humor. É uma referência muito forte sobre o meu modo de ver a música. Também sempre ouvi muito Piazzola; a dramaticidade da música dele está muito presente em mim, assim como as interpretações de Maria Bethânia, a maneira de ela colocar a voz, dando mais importância à emoção do que à afinação. Claro que os 'Beatles' também foram para mim um referencial importante, quanto à capacidade que tinham de criar um ambiente sonoro para cada canção, uma maneira de contextualizá-las; isto tudo, para mim, tem a ver com o 'Tangos & Tragédias'. Hoje eu vejo no argentino Fito Paez coisas muito parecidas com as minhas (só que melhor realizadas). As intenções que eu já demonstrava em O Poeta Analfabeto, aquelas coisas pop/triste, meio tangueira, meio gaúcha."

" Nunca gostei muito da sigla MPG (Música Popular Gaúcha); depois fiquei sabendo que o pessoal de lá (Rio e SP) também não gostava da sigla MPB. Não acho que dê para contextualizar a nossa música, a não ser que seja como urbana feita no Rio Grande do Sul, com influência folclórica e também do pop internacional. Toda a nossa geração dos anos 70 viveu este fenômeno. Temos todos uma identidade gaúcha e brasileira, com algumas variações. Sou porto-alegrense como a minha música. O fato de minha música ser gaúcha, não a exclui do Brasil; pelo contrário, a minha regionalidade é universal. Se isso





serve para a indústria musical, eu não sei, mas para o ouvido humano é perfeitamente perceptível."

"Nunca pensamos que o 'Tangos & Tragédias' fosse ser o sucesso que foi. Tínhamos a experiência anterior de música profissional, mas o sucesso do 'Tangos' foi pela persistência e dedicação ao trabalho. As coisas foram acontecendo e a gente foi fazendo. Mas não dava para pensar que o povo viria assistir de novo. Essa fórmula de humor e música foi muito bem trabalhada e tornou-se diferente de tudo o que havia e me permitiu exercitar música e teatro ao mesmo tempo, o que eu sempre gostei. Nunca fui muito profícuo quantitativamente como compositor, tanto no 'Saracura' quanto no 'Tangos'; tive a oportunidade de recriar obras de outros autores; isso é uma coisa que me atrai."

Cronologia Biográfica: Luiz Henrique Gomes Hique Gomes

1959 - Nasce no Hospital Beneficência Portuguesa, em Porto Alegre, filho de Flávia Terezinha Gomes e de Henrique Léo Chirivino Gomes, jogador profissional de futebol do Grêmio (centro-médio).

1964 - Ingressa no curso primário da Escola Roque Callage. A veia artística vem da infância, sob a influência do avô materno, Luiz Afonso Alves, que fazia performance de rua e em circos e, segundo Hique, tinha algo de Chaplin em seu trabalho.



1970 - O pai, aprovado em concurso para gerência da Caixa Econômica Federal, muda-se com a família para Giruá (RS), onde torna-se também professor de Educação Física e diretor da banda marcial da cidade. Nesta banda, Hique começa a aprender a tocar instrumentos de percussão (tarol, caixa e etc.). O pai era seu ídolo; Hique queria ser jogador de futebol, mas o "Seo" Henrique prefere que ele aprenda violão com o professor Jader (inspetor de polícia). A primeira aula foi a contragosto; na segunda, já amava. A forte influência do pai ainda ficaria em sua memória pelas rodas de samba que promovia, das quais Hique guardou grandes referências rítmicas.

1973 - Prossegue os estudos no Instituto Metodista de Passo Fundo. Nesta cidade, passa a tocar bateria e guitarra no conjunto de bailes "Filtrason". Por esta época, assiste no Gigantinho, em Porto Alegre, ao show de Rita Lee. Foi uma experiência que o marcaria por toda a vida e credita a ela o despertar de um "elemento anárquico" em seu fazer artístico.

1974 - Começa a compor algumas baladas e ingressa na Ordem dos Músicos, oficializando a sua situação profissional, que já exercia em bailes e casas noturnas.

1975 - Volta a morar em Porto Alegre, onde conclui o segundo grau no Colégio Vera Cruz. Com Sérgio Villanova e Paulo Sardo monta a banda "A Pota", com a qual apresenta-se em circuito estudantil. Remonta a esta época o hábito alimentar vegetariano, porque a banda ensaiava ao lado de uma padaria especializada em produtos integrais.

1976 - Inicia estudos de violão clássico no Liceu Palestrina.

1977 - Ingressa no curso de Filosofia da PUC, que não concluiria.

1978 - Serve ao exército, na Cia. de Comando. Lá compõe o hino que mais tarde receberia a letra do "Hino da Sbornia". Ao dar baixa do exército, casa-se com Heloísa Averbuck, com quem teria a filha Clara.

1979 a 1980 - Trabalha de auxiliar administrativo na Metalúrgica Conasa, de propriedade do sogro.

1981 - Forma dupla com Sá Brito, compondo e participando de espetáculos em P. Alegre e interior do RS, ao lado de Bebeto Alves, Nei Lisboa, "Saracura" e outros. Toca também bandolim em casas noturnas e cafés.

1982 - O pai presenteia-o com um piano. Escreve trilhas para teatro, com destaque para "Meninos da Rua



da Praia", de Sérgio Caparelli.

1984 - Ver "Tangos".

1985 - Trabalha com Dilmar Messias na montagem da peça "As Aventuras de Míme Apestrovich do Início ao Meio". Obtém grande repercussão como ator e compositor da trilha (a peça era muda).

1986 - Recebe o Prêmio Açorianos de Música Para Teatro, por *O Enigma de Kaspar Hauser*, dirigida por Oscar Sinch (Ver "Tangos").

1987 a 1992 - Ver "Tangos".

1993 - Realiza com sucesso o espetáculo "Teatro do Disco Solar", onde cria o personagem "Homem Banda".

1994 - Lança o CD *Teatro do Disco Solar*. Recebe o Prêmio Açorianos de Melhor Espetáculo Individual. Um fato pitoresco marcou a cerimônia: Hique atirou a estatueta no chão, quebrando-a, para "demonstrar a fragilidade do prêmio".

1995 - Apresenta o espetáculo "Teatro do Disco Solar" em Santos e Campinas (SP).

1996 - Lança na MTV o vídeo-clip do personagem "Mundinho".

1997 - Realiza temporada do "Teatro do Disco Solar", no Palace (SP), com participação especial de Vítor Ramil.

" Quem tem medo? Quem tem coragem de representar? Esta é a história da vida e morte de meu avô. Ator cômico na década de 30, morreu esmagado por um trem ao ser impelido pelas forças teatrais e tentar, com sucesso, salvar duas crianças que brincavam nos trilhos. Quem tem medo? Quem tem coragem de representar?"

(Trecho da música *Teatro Invisível*, dedicada ao avô, do CD *Teatro do Disco Solar* - 1995).

Depoimentos - abril / 2001

" Dois meses depois do nosso primeiro encontro para estudar música, o 'Tangos & Tragédias' estava pronto. Até então eu nunca havia pensado em fazer humor. Queria ser maestro, um músico sério. E o 'Tangos' é, para mim, uma coisa séria até hoje, porque fazer humor é uma coisa muito séria e profunda. Acontece que o Nico já fazia coisas engraçadas com o 'Saracura'. Daí, num dos



ensaios, ele trouxe O Ébrio (Vicente Celestino). Identifiquei aquilo com Chaplin. Juntei todas essas informações com o que o meu pai me passava, o sentido do dever, de fazer as coisas bem feitas, com responsabilidade. Por isso o 'Tangos', para mim, tem essa característica, porque a referência mais elevada que eu tinha de humor era Charlie Chaplin."

" No filme 'Tempos Modernos', de Chaplin, tem uma cena em que ele perde a letra de uma música que havia guardado na manga e se vê obrigado a reinventá-la. Eu e o Nico reproduzimos a situação, e cada um botou um pedaço de letra na música de Chaplin. Era uma espécie de exercício. As palavras eram aleatórias e não queriam dizer nada, mas na parte do Nico surgiram 'Pletskaia e Kraunus Sang'. Então propus que adotássemos os personagens. Quando fomos fazer as fotos para a divulgação, já encarnamos as figuras e, assim, o 'Tangos & Tragédias' já estreou com a cara que tem hoje."

" Tenho consciência de que somos, hoje, uma



referência nacional de algo feito no Rio Grande do Sul. O 'Tangos & Tragédias' só poderia ter sido feito em Porto Alegre. É uma questão de índole. Os personagens são estrangeiros dentro do Brasil. O sotaque e os trejeitos deles são coisas que vi nas pessoas dos lugares em que vivi no interior. O Rio Grande recebeu uma carga muito grande e diversificada da imigração européia e isso foi uma coisa recente. Tem gente que tem ainda o avô vivo que veio da Alemanha ou da Polônia. A Sbórnia representa justamente este espírito dos imigrantes, é um mosaico cultural que permanece vivo na cultura do Rio Grande do Sul e que aparece no 'Tangos & Tragédias' sob várias formas."

"Quando resolvemos fazer o 'Tangos & Tragédias', eu tinha um disco solo pronto. Estava começando o boom do rock brasileiro, e eu achei que o meu disco não iria ter mercado. Por outro lado, também não queria fazer rock, porque era uma coisa que eu já tinha feito nos anos 70, e não me interessava mais, a minha visão de música brasileira era uma coisa muito mais ampla e profunda. A decisão de fazer Vicente Celestino misturado com Chaplin foi uma forma de oposição a esse cenário. Uma maneira de ser contra e, ao mesmo tempo, desenvolver uma coisa paralela. Acabamos criando um mercado próprio de shows e até mesmo para os nossos discos, que são independentes e dirigidos a este mercado muito particularizado."

Cronologia: Tangos & Tragédias

1984 - Em setembro estréia, no Espaço IAB, em POA, o show "Tangos & Tragédias". Baseado em estudos de músicas antigas e, principalmente, tangos. O espetáculo diferencia-se no meio artístico, conquistando frequência de público e elogios da crítica. No ano seguinte, seguem em apresentações, adotando a tática de divulgar o show em trajes caracterizados, tanto em TV quanto em rádios e redações de jornais.

1986 - Estréiam no Teatro do Instituto Goethe. O ator e diretor Dilmar Messias atua como um *clown* em meio à platéia.

1987 - Levam o show para São Paulo, onde a estratégia de divulgação com personagens caracterizados faz sucesso junto aos jornalistas e comunicadores. Participam de vários programas, incluindo o "Perdidos na Noite", de Faustão na Bandeirantes. Incurtionam pelo Rio de Janeiro, com igual repercussão. Por dois meses, o espetáculo ganha indicação do Jornal do Brasil. É nesta ocasião que surge a idéia da "Pátria Sbórnia", uma ilha flutuante de onde seriam originários os personagens.

1988 - Primeira apresentação do "Tangos & Tragédias" no Theatro São Pedro. Seguem-se apresentações pelo interior e temporada na Sala Alvaro Moreira. Gravam o LP *Tangos & Tragédias*, ao vivo, no Theatro São Pedro.

1989 - Realizam temporada em janeiro no Theatro São Pedro. O sucesso acaba por tornar as apresentações de verão do "Tangos & Tragédias", neste teatro, uma tradição em Porto Alegre.

1990 - Executando temporadas no Rio e SP, atingem a mídia nacional através de programas como os de Xuxa, Faustão, Angélica e, mais notadamente, Jô Soares. Sai o álbum em quadrinhos "Tangos e Tragédias", de Edgar Vasquez e Cláudio Levitan, com roteiro de Hique Gomes.

1991 a 1993 - Excursionam por São Paulo, Paraná, Sta. Catarina e Minas Gerais. O espetáculo firma-se como sucesso nacional.

1994 - Relançamento do primeiro disco em CD, para comemorar o décimo aniversário do espetáculo. Seguem-se apresentações por vários estados.

1996 - Duas temporadas de sucesso do "Tangos & Tragédias" no Palace (SP).

1998 - Temporada no Teatro Sérgio Cardoso (SP). Realizam o espetáculo em Buenos Aires com texto em espanhol.

1999 - A escola de samba porto-alegrense Imperatriz Leopoldina tem como enredo o "Tangos & Tragédias". Para uma série de shows no Olímpia (SP), levam a escola para a melhor temporada da (longa) história do espetáculo.

2000 - Realizam temporada no TUCA (SP) com participação especial dos "Demônios da Garoa".

2001 - Hique e Nico são os homenageados especiais do Prêmio Açorianos de Música pelo Conjunto da Obra. Recebem o Troféu das mãos do Governador Olívio Dutra e a cerimônia, realizada no Auditório Araújo Vianna para aproximadamente 3.500 pessoas, é encerrada com um vídeo-clip do "Tangos & Tragédias" ao som do samba-enredo da Imperatriz Leopoldina, feito em sua homenagem. Até aqui, o espetáculo "Tangos & Tragédias" bateu vários recordes de público e temporadas. Uma das situações que pode dimensionar a sua importância é o fato de terem participado sete vezes do programa de Jô Soares e, contando as reprises, foram quatorze vezes ao ar. É o espetáculo cênico-musical mais bem sucedido da história do Rio Grande do Sul.



Berlim Bom Fim

Letra: Nei Lisboa

Música: Hique Gomez e Nei Lisboa

Handwritten musical score for the song "Berlim Bom Fim". The score is written on ten staves of music, with lyrics in Portuguese written above the notes. The lyrics are: "A VE JOIAS CA, SÓ D'OURO DAZ AS PORTAS DE SEU NHA NO VER GO NHO DO MURO DA MUA' OS VE NHO NHO CA E' E' O PA DO E' RE NA VIE GOS TRAVE SÓ A SA GA M O LON TA DE SÓ PAR (FRASE JUNTO C/ melodia) WE D LIN ZA DA CI DA DE PAR TI DO VER DEPO DE IO E CHEI ROS PE CU LIA RES AO RE CHEIO SEU DO LO DE CON CRE TO RE PE TO DE CHUVA TE RO ANA RO. E' PAIS DA IA MOI JE A (FRASE JUNTO C/ melodia) FAI NHO SMO DE CI DA DDO CI DEN TE DI GI TAN DEN TAN TEND DE TO (FRASE JUNTO C/ melodia) PAZ BER LIM BOM FIM BER LIM BOM FIM BER

The score includes various musical notations such as clefs, notes, rests, and dynamic markings. Chord symbols are written below the staves, including Am, Dm, Dm5+, and A. There are also handwritten annotations like "(FRASE JUNTO C/ melodia)" and "Dm5+".

Partitura original cedida por Hique Gomes.



Feito um Picolé no Sol

Nico Nicolaiewsky

Quero um barco meio mar, um meio, não achei, não veio,
pra sair do charco feio. Quero um barco meio mar, um porto meio lar,
um corpo feito pra se amar e sem receio
Meio assim doente e de repente cheio desse olhar ausente,
meio louco, meio no sufoco, meio coca-cola, meio mal da bola
meio inconsequente.

Como se no meio da cidade, na velocidade, na saudade,
na maldade à toa.
Nessa claridade, tanta coisa boa se desmancha feito um picolé no sol,
e feito um picolé no sol eu quero estar agora pra esquecer
do mal que tá lá fora, me esperando pra cobrar a taxa,
tá com a mão toda suja de graxa.

Tô ficando meio assim xarope dessa lenga-lenga, já amarrei o bode.
Pode crer que tudo tem a ver com tudo, tem a ver com o mundo,
tem a ver com ser perfeito
Tá na rua, tá na banca de revista, tô na pista e não te desconcerta
Sempre alerta na notícia esperta, nesse compromisso, numa dose certa.

Veio como onda, bomba, longa estória nua e sem certeza
sob a mesa tua
Crua e sem semente mente e me confunde,
funde a minha e a tua nesse instante-anti
Vejo um pôr-do-sol brilhante como nunca dantes me arriscara
e foi tomara, cara,
Um primeiro passo dum segundo passo dum terceiro passo, eu acho.

No caminho dessa descoberta não tem compromisso
com trilhar o que já foi trilhado
Deixo tudo ali do lado e parto cego e sempre em frente
um tanto quanto alucinado
E nado para estar presente e nada como estar assim ciente,
sem estar cansado, sem estar à margem, sem estar doente,
sem faltar coragem.

Sem querer fazer charminho, sem querer carinho, sem querer carona.
Quero um barco meio mar, um porto meio lar,
um corpo feito pra se amar.
Crua e sem semente mente e me confunde,
funde a minha e a tua nesse instante.
Um primeiro passo dum segundo passo dum terceiro passo, eu acho.

E depois,
Só nós dois
Tudo o mais
Tanto faz
Quero amor
Quero luz.



Tambo do Bando A Vanguarda Gaudéria

Texo Cabral, Sérgio Jacaré,
Carlos Cachoeira, Vinícius Brum,
Marcelo Pijama e Beto Bollo.

A vida de grupos sempre foi importante na história da música. Grupo é uma reunião de cabeças com o mesmo objetivo, é mais do que um autor compondo, criando. O Rio Grande sempre foi forte em grupos que elaboraram a música a partir de elementos folclóricos, tradicionais, e ligados aos conceitos universais. O "Conjunto Farroupilha" e seus vocais cuidadosos nos anos 50, "Os Gaudérios" e seus arranjos inimitáveis, inatingíveis, nos anos 60. O "Almôndegas", o "Pentagrama" e "Os Tapes", nos anos 70. "Os Angüeras" e "Saracura" nos 80. E... "Tambo do Bando" nos anos 90. Se bem que no início da década, porque o "Tambo" começou lá por 86, gravou e venceu muitos festivais nativistas, onde inovou com seu apuro vocal, letras políticas e questões conceituais. Embora participara de muitos discos de festivais, gravando duas dezenas de músicas, lançou seu primeiro disco solo apenas no início dos 90 e acabou em seguida, após a gravação do segundo LP. Acabou, porque foi cada um para seu lado. Como sempre acontece com os grandes grupos, com aqueles que são importantes, que desenham uma nova visão e conteúdo artístico.

O "Tambo", pode-se dizer, é um resultado da história da música do Rio Grande do Sul, que construiu uma trajetória pelas cidades do interior do estado, e não na capital, via festivais (agora não mais estudantis, mas turístico-políticos, dos municípios do interior). Foi aclamado pela crítica, pelos formadores de opinião, com divergências em relação ao meio tradicional, naturalmente. Porque no Rio Grande do Sul é sempre assim, é preciso ter divergências, é preciso discutir muito, nada é consensual.

O "Tambo" tinha um núcleo de composição: Vinícius Brum, Leandro Cachoeira e Beto Bollo - e um ideólogo, um poeta: Sérgio "Jacaré" Metz. Mas havia uma unidade em sua estrutura, em seus arranjos, para a qual contribuíam muito Texo Cabral (flauta e vocais) e Marcelo Lehman (teclados e vocais). As letras do "Tambo" nunca eram vagas, apontando sempre para feridas sociais, políticas, fossem elas regionais ou universais, refletindo o movimento estudantil, do homem do campo, da luta pela reforma agrária, do momento político. Nunca foi uma música meramente estética; era também ideológica. É preciso registrar a força de músicas como *Ingênuos Malditos*, *Os Contatos Imediatos do Terceiro Mundo*, *O Campeiro* e *O Gravador*, *Deixem Seus Olhos Fixos...* São canções de protesto? Talvez, mas com um lirismo raro, que lembra Geraldo Vandré. Jacaré adorava Bob Dylan, Caetano Veloso, Noel Guarany e Cenair Maicá. Daí buscou a síntese de suas letras. E os outros eram apurados compositores, intérpretes e músicos.

O "Tambo" era rural e urbano, mas não usava gaita, nem bateria, nem guitarra. Não usualmente, conceitualmente, porque chegou a servir-se destes instrumentos. Era acústico, mas fez uma versão *hard rock* de *Os Homens de Preto*, clássico do cancioneiro gaúcho, composto por Paulo Ruschel e imortalizado pelo grupo "Os Gaudérios", em 1959. Alguns gaúchos diziam deles que faziam "milongas pinkfloydianas". Nos últimos tempos, a partir do segundo LP, o grupo largou de vez a música regional e se tornou popular urbano, às vezes pop, com referências a Caetano e "Quinteto Violado", Hermeto Pascoal e Gonzaguinha. O "Tambo do Bando" deixou sua marca na música do Rio Grande do Sul, uma ponte entre o regionalismo e a música popular urbana, entre o conceito artístico - o de música de resultado, de compromisso social e político - e a simples estética, de criações bem elaboradas, com esmero instrumental e vocal. Cantou outras realidades do RS e do Brasil, a realidade do homem do campo, da juventude, do movimento político identificado com os sem-terra, com as lutas populares na busca de uma conscientização maior através da música. O "Tambo" foi um grupo diferenciado que existiu, porque existiram os festivais nativistas, onde foram muito questionados, mas onde souberam se impor pela qualidade de sua obra. O "Tambo" deixou uma marca, inquestionável, inimitável, com seu nativismo-pop. Hoje vive na trajetória individual de cada um de seus ex-integrantes.

Esta página é uma colaboração de **Gilmar Eitelwein** - Jornalista



Cronologia: Tambo do Bando

O "Tambo do Bando" assume este nome em 1986, mas a formação do grupo está ligada a uma série de encontros anteriores entre os seus integrantes. Adotamos, após intenso debate (como não poderia deixar de ser em se tratando deles), 1982 como ponto de partida.

1982 - A canção *São Borja, Canto e Ritmo*, de Carlos "Cachoeira" Lehmann e Sérgio Metz (Jacaré), vence o Festival 300 Anos de São Borja, causando intensa polêmica em razão do ritmo *zamba* (do folclore latino). O debate chega à imprensa numa troca de artigos entre o folclorista Antônio Augusto Fagundes e Metz. Vale lembrar que a composição foi defendida por músicos remanescentes do "Grupo Horizonte" (liderado por Luiz Carlos Borges). A formação para o festival foi: Cachoeira, Fio Rossato, Larry Charão e Paulo Araújo, Daniel Morales e Egon "Pão de Milho".

1983 - Jacaré, Cachoeira e Fio participam da 3ª Tertúlia Nativista de Santa Maria com *Há mais Sul em Meu Rosto*, incluindo-a no disco do festival. Com formação semelhante, ainda abrem o 1º Musicanto de Santa Rosa com *Passageiro*, de Cachoeira e Jacaré.

1984 - A canção *Milonga de Pêlo a Pêlo* (Cachoeira e Metz) vai para o disco da 4ª Tertúlia (SM) causando nova polêmica. Vencem a Mostra Farroupilha de Nativismo, promovida pela RBS em Santa Maria, com

Imagens aos Farrapos (de Metz, Cachoeira, Fio e Larry). A canção *Miraguaí* (Vinícius Brum, Metz e Cachoeira) concorre na Seara de Carazinho. Apesar de não vencer, a música é destacada pela imprensa, e a Zero Hora comenta, sob a manchete "Vanguarda do Nativismo".

1985 - Cachoeira, Beto Bollo, Vinícius Brum e Jacaré encontram-se em Porto Alegre. Os três primeiros tocavam nos bares temáticos nativistas que surgiam em profusão naquela época. Ali começam a intensificar as composições conjuntas com base em intenso debate da conjuntura estética, social e política. Metz escreve artigos para jornais, questionando vários aspectos da cultura gaúcha tradicional e da música nativista.

1986 - Vinícius, Beto e Cachoeira vencem a Vinidima de Flores da Cunha, defendendo canção de Júlio Rodrigues. Na volta do festival, integram-se ao espetáculo coletivo "Compositores e Intérpretes", criado por Texo Cabral, no Teatro Renascença. A partir dali, Texo Cabral incorpora-se ao grupo. Em outubro, esta formação, reforçada por Zé Caradípia e o gaiteiro João Vicente, levanta o 2º lugar no Musicanto de Santa Rosa com *Bombo da Noite* (Jacaré e Vinícius). A música causa grande impacto e recebe amplo destaque na imprensa, confirmando o grupo como principal representante de uma vanguarda em formação no meio nativista.

A 13 de dezembro, o grupo assume o nome "Tambo do Bando", criado por Jacaré, em razão da "sonoridade e movimento das palavras". Havia uma composição dele e de Vinícius que fazia uma metáfora com o filme "Rambo" (Stallone) e versava sobre o patrulhamento às



Primeiro show do "Tambo" no Teatro de Câmara, em 1989.



Kiko Freitas, Marcelo Pijama, Texo Cabral, Vinícius Brum, Beto Bollo e Leandro Cachoeira durante a gravação do LP "Ingênuos Malditos".

inovações na música gaúcha: "*há um Rambo no Tambo do Bando, patrulhando-nos na mira, zelando la leche de la sociedad burguesa*".

1987 - Concorrem com três composições na Vigília de Cachoeira do Sul, ficando em 3º lugar com *A Ponte Sobre o Rio Uruguai* (Cachoeira e Jacaré) e realizam ainda o show de encerramento do festival. Recebem uma das maiores vaias da história dos festivais gaúchos. Era um momento de intensa polêmica na música do RS.

Na Califórnia da Canção, depois do apedrejamento a Jerônimo Jardim (em 85), proibiu-se o sotaque castelhano em músicas concorrentes. Pelos jornais, rádios e TVs discutia-se "nativismo X tradicionalismo", "renovadores X conservadores"; em dado momento, chegou-se a supor a existência diferenciada de compositores "gaúchos ou rio-grandenses".

Enquanto isso, no olho do furacão, o "Tambo do Bando" é premiado como Melhor Conjunto Vocal do Musicanto pela música *Deixem seus Olhos Fixos*, em cuja apresentação realizaram uma performance extravagante, maquiados como zumbis. A letra de Metz fora inspirada em foto publicada na imprensa de um "sem terra" pendurado numa cerca de arame farpado durante invasão de fazenda no interior. A discussão corrente, já aquecida sobre conceitos estéticos, ganha contornos ideológicos, intensificando o surgimento de composições semelhantes nos festivais. Este evento marcou também a entrada do tecladista Marcelo "Pijama" Lehmann no grupo.

Em um lance inesperado, o "Tambo" vence a Seara

de Carazinho com a milonga *Um Mate por Ti*, composta por Vinícius e Beto Bollo, em parceria com Apparício Silva Rillo. O inusitado era justamente o fato da canção ser uma milonga romântica e executada da forma mais tradicional possível e ainda com o aval de Rillo. O comentário era, então, "afinal eles também sabem tocar nativismo". Esta música foi premiada pelo IGTF como Melhor Música da Década. Ao final do ano, o "Tambo do Bando" é eleito pela imprensa como Melhor Grupo Vocal e Revelação do Estado.

1988 - Vencem o Musicanto com *O Campeiro e o Gravador* (Jacaré, Vinícius e Cachoeira), uma das músicas mais discutidas da época. Ganham também a III Primavera da Canção de Caxias, com *Terra* (Beto Bollo e Beto Barros).

1989 - Realizam o primeiro show do "Tambo" em teatro de Porto Alegre (Teatro de Câmara), marcando a entrada do baterista Kiko Freitas no grupo, permanecendo até a gravação e lançamento do primeiro disco. Em Tramandaí, realiza-se o Eco dos Festivais, reunindo os vencedores dos grandes festivais do estado. O "Tambo" fica em segundo lugar com *Terra*. Novamente a imprensa os destaca entre os melhores do ano, desta vez como Melhor Grupo e Jacaré, como Melhor Letrista.

1990 - A música *Alma de Poço* (Vinícius e Antônio Augusto Ferreira), rejeitada em festival de São Borja, vence o Candeeiro da Canção de Restinga Seca e, na



seqüência, o Eco dos Festivais, em Tramandaí.

Em junho, o "Tambo" lança seu primeiro LP, *Ingênuos Malditos*, pela RGE/RBS (produzido por Ayrton dos Anjos), realizando intensa turnê de lançamento, com destaque para o show no Teatro Renascença, considerado pela crítica como um dos melhores do ano.

1991 - Repercute na imprensa de São Paulo o LP *Ingênuos Malditos*. O "Tambo" é indicado ao Prêmio Açorianos na Categoria Melhor Grupo Musical e Jacaré é premiado como Melhor Letrista.

Apresentam na Sala Álvaro Moreira o concorrido show "Os Ciganos Vão para o Céu".

1992 - Lançam o segundo disco pela RGE: *Tambo do Bando*, produzido por Gilmar Eitelwein e Ayrton dos Anjos. A conjuntura política nacional complica-se. Com a eleição de Collor, os mecanismos culturais do país entram em colapso, e o mercado de shows e discos enfrenta grandes dificuldades.

1993 - O grupo começa a desfazer-se e seus integrantes partem para carreira solo. Jacaré dedica-se quase que exclusivamente à literatura. Reconstituem a formação eventualmente, como no show em homenagem a Luiz Eurico Lisboa, na XI Moenda da Canção (1997) e nas duas homenagens póstumas prestadas a Sérgio Jacaré Metz, na Casa Torelly (1997 e 2001).

Cachoeira - Carlos Leandro Lehmann

Carlos Leandro "Cachoeira" Lehmann, nasceu em Cachoeira do Sul/RS, a 05/04/1962. Iniciou os estudos de violão aos sete anos no Conservatório Sta. Cecília, em sua terra natal. Profissionaliza-se em música a partir da X Califórnia da Canção, integrando o "Grupo Horizonte".



Beto Bollo com Luiz Carlos Borges.

Tocou em casas noturnas e teatros e participou de mais de cinquenta gravações em discos de festivais como compositor e intérprete. Em 1999, assumiu a Coordenação de Música da SMC/POA:

"Quando começamos, os festivais estavam se fechando às inovações, e nós queríamos uma música regional que tivesse todas as informações musicais universais. Começamos já em meio ao fogo cruzado que havia na época e levamos muita vaia. Talvez até por isto mesmo nós tenhamos nos afirmado e ganho notoriedade. O nosso trabalho era uma novidade para os ouvidos do interior, mas quando surgiram as primeiras polêmicas, nós, até por teimosia e obstinação, compramos a briga e chegamos a um ponto em que já saíamos com a intenção de causar mesmo a polêmica e escandalizar os mais conservadores. As letras tinham um conteúdo já contestador; os arranjos e as composições tinham um caráter inovador e até na indumentária havia um choque. Fomos os primeiros a usar brinco, por exemplo, e até isso gerou confusão. Dá para dizer que todos nós tínhamos um posicionamento de esquerda, tanto ideológico como musical, e o Jacaré tinha uma importância muito grande nisso, porque ele era o amálgama da coisa. Mas talvez o que seja mais importante no 'Tambo' é que todos nós entrávamos de corpo e alma no trabalho. Nada podia ser mais importante do que a música que estávamos fazendo".

Pijama - Luis Marcelo Costa Lehmann

Nasce em Cachoeira do Sul/RS, a 22 de junho de 1965. Desde a infância, tinha intimidade com vários instrumentos, estudando piano e teoria musical aos oito anos no Conservatório Musical Cachoeirense e, posteriormente, na Escolinha de Artes da UFSM.

No Rio de Janeiro, foi bolsista de composição e piano na Escola Brasileira de Música, ocasião em que compõe o tango *Zaira*, mais tarde gravado por Lourdes Rodrigues. Possui vários prêmios como compositor e instrumentista, além de participações em vários discos. Exerceu por três anos a função de Oficineiro de Música na SMC/POA:

"Quando eu era piá, ouvia o 'Grupo Horizonte' ensaiando na minha casa, com o Borges e o Cachoeira, enquanto tocava com minha banda na garagem. Depois passei a admirar o 'Tambo'. Eu adorava principalmente a música Os Contatos Imediatos do Terceiro Mundo. Então eu trouxe a coisa do rock para dentro da música do "Tambo". Tive sorte, porque não cheguei a pegar a parte pior, das vaias e daquela confusão toda, mas sentia a responsabilidade, porque sabia de toda a história. Eu tinha saído direto do interior para o Rio de Janeiro; então quando voltei e entrei em um grupo que estava debaixo de bala e causando polêmica, foi uma coisa de grande importância, não só em termos artísticos, mas também no sentido de



Marcelo Pijama, Leandro Cachoeira, Beto Bollo, Vinícius Brum e Texo Cabral.

firmar uma posição dentro da classe musical. O 'Tambo' era uma junção de muitas coisas importantes, desde instrumentos até idéias, mas a harmonização das vozes sempre foi uma marca das mais fortes".

Texo Cabral - Antonio Augusto Garcia Cabral

Nasce a 21 de maio de 1955, em Cachoeira do Sul. Inicia-se ao violão aos seis anos e, em 1963, estuda piano na Escola Municipal de Belas Artes de Cachoeira. Nesta cidade foi, também, o fundador, em 1970, do grupo "Santa Preguiça", que atuou com destaque em Porto Alegre de 1975 a 1985. Concomitantemente, trabalhou três anos com o legendário conjunto "Os Tapes". Tem mais de trinta premiações de melhor instrumentista em festivais. Músico de larga e reconhecida atuação, é também produtor de vários discos como os de Zé Caradípia, Stela Maris e Zilah Machado, entre outros:

" O ' Tambo do Bando' é diferenciado de todos os grupos que surgiram no RS a partir dos anos 70, por vários motivos, entre eles a unidade política, ideológica, musical e poética entre seus integrantes. Sempre houve uma preocupação com arranjos bem trabalhados e com a profundidade poética, coisas pouco usadas até então. Ninguém levantou bandeiras sociais com a mesma veemência que o 'Tambo'."

Vinícius Brum - Luís Vinícius Brum da Silva

Nasce a 14 de janeiro de 1959 em Bento Gonçalves, passando a infância e adolescência em Formigueiro, onde, aos seis anos começa os estudos de violão. Posteriormente seria aluno do professor Jessé Silva. Em 1979, começa tocar na noite em Santa Maria e estréia em festivais em 1980, como instrumentista na Califórnia da Canção Nati-

va, iniciando uma carreira de mais de cinquenta premiações nos certames musicais nativistas. Além dos dois LPs com o "Tambo", tem três discos solo e mais de 100 músicas gravadas em discos de festivais:

" O ' Tambo ' viveu de perto o lado polêmico dos festivais nativistas. Eu não vejo tão simplesmente esta máxima que já se instituiu de que o nativismo é oriundo do tradicionalismo. O que moveu a criação do circuito de festivais foi dar vazão a uma criação estética que não encontrava abrigo no ambiente de CTGs. Quando eu comecei a circular por CTGs, em meados dos anos 70, a música que ali se fazia era muito mais vinculada ao baile do que esta mais intelectualizada que o nativismo veio propor e acabou caindo em desvãos históricos que se precisa estudar mais atentamente. Autores como Telmo de Lima Freitas e músicas como Pedro Guará, Prece ao Minuano, João Campeiro, Cantiga de Rio e Remo são absolutamente novidades no panorama dos CTGs que eu conheci, pelo menos nos anos 70, quando surgem os festivais e o movimento nativista. Apesar do objeto de investigação dos dois segmentos seja parecido, acho que eles são diferentes, e um não nasce do outro."

Beto Bollo - José Roberto dos Santos

Nasceu em Porto Alegre, a 15 de abril de 1958. Iniciou os estudos de violão aos doze anos, com professor particular, profissionalizando-se com licença especial aos 14 anos para tocar em conjuntos de bailes. Vencedor de inúmeros festivais de música do RS, tem larga experiência internacional, atuando em Portugal, EUA, Alemanha, Açores, Canadá, Noruega, Espanha e Holanda, entre outros. Arranjador, compositor, cantor e instrumentista, Beto tem sua ação destacada como produtor e diretor de espetáculos e eventos.

" Na época, eu me vi no meio de uma enorme confusão. Mas era também uma coisa saudável, porque vinha ao encontro das minhas idéias de arranjos, eu gostava de criar coisas inovadoras, de misturar ritmos. Todas as músicas que nós tocávamos, já saíam prontas e os arranjos muito bem ensaiados. Trabalhávamos muito. O 'Tambo' era uma coisa muito séria, estava num momento complicado, e a responsabilidade era grande. Nós tínhamos experiência, conhecimento de causa e sabíamos bem o que estávamos fazendo. Cada um tinha uma origem musical diferente, mas as idéias eram confluentes. Eu tinha uma coisa mais urbana, o Cachoeira e o Vinícius eram mais ligados ao nativismo, o Texo vinha da música instrumental e, mais tarde, o Pijama trouxe o rock. Quando isso tudo se juntou com a força das letras do Jacaré, deu o 'Tambo do Bando'. A gente fazia aquilo com paixão, todos participavam dos arranjos e da composição com a mesma intensidade. Nós éramos mais pensantes do que executantes. Uma grande confusão que dava certo"



Quando um Cigano Vai Para o Céu

Luiz Sérgio Metz - Jacaré

Luiz Sérgio Metz nasceu em Santo Ângelo em 1952, cidade onde viveu a infância. Na juventude, mudou-se para Santa Maria, pólo universitário, onde se formaria jornalista e conheceria muitas das pessoas que o acompanhariam até sua morte, no inverno de 1996 em Porto Alegre.

Metz era conhecido por seus amigos e pelas pessoas que compartilhavam do universo do qual ele era parte como Jacaré, apelido que, confesso, não sei a origem. Sua obra formal, aquela que está editada e publicada, é composta por três livros: "O Primeiro e o Segundo Homem", de 1981, livro de contos publicado pela Martins Livreiro e reeditado em 2001 pela Artes & Ofícios; "Aureliano de Figueiredo Pinto", biografia do médico que era poeta e romancista, publicada em 1986 na coleção "Estes Gaúchos" da editora Tchê; e "Assim na Terra", de 1995, sua obra mais significativa, tanto pela linguagem inovadora como pelo sentido do livro, o questionamento da dimensão humana, representado no gaúcho universal que vaga pelo mundo à procura de sentido para sua existência. Ainda escreveu grande parte de um ensaio sobre a história da Usina do Gasômetro, lançado em 2001 pela Associação dos Amigos desta Usina, Prefeitura de Porto Alegre e CEEE, mas foi interrompido pela sua morte. O livro foi complementado por Luis Augusto Fischer, doutor das letras e grande amigo. Porém, talvez

mais importante que sua obra, foi sua vida. No período de sua doença até sua morte, testemunhei gestos por parte das pessoas mais próximas que me comoviam pela intensidade dos sentimentos que as pessoas nutriam por ele. Foi o período que eu comecei a conhecê-lo de outra forma. Não foram poucas as vezes que os amigos se aproximavam de mim e falavam: "Pedrinho, teu pai foi a pessoa mais brilhante que eu conheci". E seu brilho não estava apenas em sua inteligência, pronta para se ajustar a qualquer circunstância. Era simples, companheiro, sutil, incentivador, ideólogo, estrela, luz, humano. Lidava com as pessoas de maneira tão sincera e verdadeira que todos acabavam envolvidos por sua conversa exata e apaixonante.

Gaúcho aberto às diversas manifestações culturais, levou artistas urbanos para conhecer a dimensão da poesia nativista em diversos festivais da música. Inclusive foi um dos responsáveis por uma espécie de revolução no Festival da Barranca, provavelmente um dos encontros mais tradicionais de músicos gaúchos, quando começou a defender uma certa fusão do campo com a cidade, o híbrido que delinearía a linguagem da sua obra. Amava Bob Dylan, o maior letrista da história do rock. Mas ao contrário do músico americano, Jacaré não ambicionava cantar nem tocar. Era um poeta. Sabia que sua poesia quando musicada, era a deixa para as portas do céu se abrirem, sem batidas, aguardando a chegada do primeiro cigano do "Tambo".

Esta página é uma colaboração de Pedro Metz.



Sérgio "Jacaré" Metz

Fotos cedidas por Vinícius Brum. Ilustração da página 13 sobre foto de Árfio Mazzei e da página 16, de Paulino Menezes.



O Campeiro e o Gravador

Sérgio Metz, Vinícius Brum
e Carlos Leandro Cachoeira

1
 4
 8
 11
 17
 23
 29
 35
 37
 41
 45
 48
 51
 57
 61

DEU: TUDO PO WER: VESPOS LEP
 JEZ: PAU SE... FA BE CE QUE
 FA GORN DE RO AN: BOM CHEI RAN DO CO LA DE SA FA TIR RO
 DU RE: ISU A YE TRO CAR AS DE LAS DA PU RI NHA DO FUL VEB RO
 NO FEE TA: DU TROX... NOS DES: TROX FO LI VOX VIOX FO PU LIS UR HA NA SA SE MA SA DO CAM
 FEE RO... M QUE: RO VO CE... BI QUE: RO VO CE
 GRAN DE: CO MO O PAS SA... DO TRANS PAS SA DO DE SA U DE H GRU DE UM CHI
 CHEI NA CA DE CA INOS AR BIR OS E LA VAI PEN SAN...
 DO... E QUE: RO CSI CKET NE DO CRO CA
 CEX NA CA SA GRAN DE UM I B M LOS PAN CHOS DU MA E ME CAL DO K NORR NA DOR...
 DO RO QU: MAN DO DE TI HSE... SIM PA TI AS EM ES PE
 BAN TU... LI VA RAM TU DO DO... QU: TAL ZO DE: SA RAM ME HRO RAL
 FRA FA TRAA MA DA SOR CHEN TEL... HA PER DEZ CON TA MI NA IA FRA ME BIR DA DA FIA
 ZA DA ME DA PBI ME NIA... O PAS SA PUR TE...
 ME FA FER MI NIA... O PAS SA FOR TE...

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Os Contatos Imediatos do Terceiro Mundo

Sérgio Metz, Vinícius Brum
e Carlos Leandro Cachoeira

1 G₄ D C G₄
 DE CHA FEIZ TA RU LO... SOB SO BREA ERI MA VE... RA DJE... E SO EREATA ERI LA SO

5 D
 LI NA AN CRI AN CAS... AN ME LHE RE... E CO

7 Af D G₄
 VE HOU... A CRI E TA YAM CA MI NPAR NPO TE MEZ

9 C G₄ C
 SO BREA VIK DE... SU... SU A BREA MA ALZ CA RI MA DI BREG MA FA E

13 Bm C D G₄
 SO BREA CRI AN... CAS AS MC LHE RE E ES VE... EURE LON CAS PO LI CRIE F A LEI

16 C G₄
 O LHO RA EDO LHO RA EDO LHO RA DA AS VI SOA SE RE VO LHO

20 C G₄ C G₄
 AS MAR BA CASAL VA CAS AS VO CA CERE... TO DAS VO TRO G ESI DRE EP ED EURE SAN

24 Bm C D G₄
 CRIE ME AN SO ME... SE ERI NRE COM VO ERE TI HOI DE M... E...

27 C Bm C D G₄ Em
 AS RI CU CRI... CO A ELO SO BSE ANSO MI FU E VO CRI...

31 C G₄ D/F# Em
 O CRI E TA VE TO... VO NA TE... LA DO PO... VO SO MOI NRE... RE SO... VO

35 C G₄ C
 VAI CRI E M COI TAM COE VEM FRA TO TRO TO TRO, TO TRO, TO DES NRE... O AL COE COI FRI TO CAM FO

39 G₄ D/F# G₄
 NRE CRI E M... SUF FRI... F NAO HA SUF... SO NRE

43 C G₄ C
 LI E VO E SO MOI O... F... FOS RES RI TI CRIE TAS E SE RE MOI GO FRI

47 G₄ C
 MEI ELO CI CLOS... RI CI CRIE E SE CU ELO...

51 Bm C D
 A... SON TIR E... NRE... E VER... UN CON TA TOR E ME ERE DOS DAI VER

55 G₄ (G)
 CI SO MEN DO

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Índice

Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *	- Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel	- Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes	- Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes	- Tampo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha	- Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes	- Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") / Berenice Azambuja	- Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) **	- Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) **	- Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")	- Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedeu	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **	- Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim	- Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges	- Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro	- Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleitton & Kledir (especial) **	- Cuíias
19- Plauto Cruz/Fogaça	- Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá	- Parede de Taipa
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil	- Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira	- Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto	- Boleadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny	- Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy	- Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua	- Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) **	- Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***	- Gaita

* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

** Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

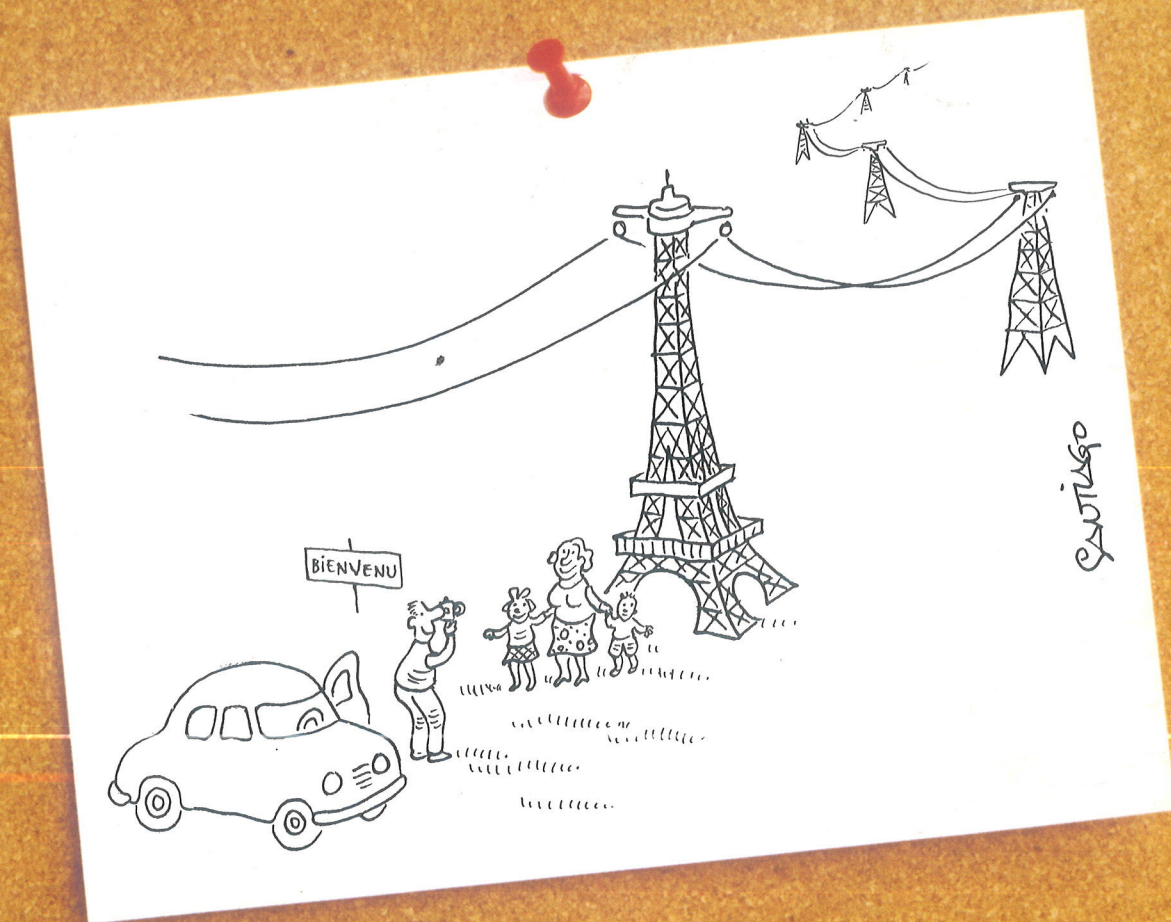
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou poprock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleitton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

*** O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

LIC
Lei de
Incentivo
à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul



CEEE
www.cee.com.br



GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações
Secretaria de Estado da Cultura